Dia 11 — São Martinho, Bispo de Tours e Confessor

Martirológio Romano

A ditosa morte de São Martinho, bispo e confessor, em Tours, na França, cuja vida foi esclarecida em muitos milagres: mereceu, entre outras coisas, ressuscitar três mortos. (Veja-se a notícia de sua vida entre as de hoje.)

O memorável martírio de São Menas, soldado egípcio, em Cotieu, na Frígia; o qual, na perseguição de Diocleciano, arrojando a insígnia da milícia, mereceu ser soldado do Rei celestial, entregando-se no deserto à contemplação das coisas divinas; mas depois, saindo ao público e declarando em alta voz que era cristão, primeiro foi provado com cruéis tormentos e por último, estando de joelhos em oração, dando graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, foi degolado; depois de morto resplandeceu em muitos milagres. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Valentino, Feliciano e Vitorino, em Ravena; coroados na perseguição de Diocleciano.

Santo Atenodoro, mártir, na Mesopotâmia; o qual, no tempo do mesmo Diocleciano, sendo presidente Eleusio, foi atormentado com fogo e com outros suplícios; e por fim condenaram-no a ser degolado; mas, como caísse desmaiado o verdugo (como impelido de uma força sobrenatural) e não se achasse outro que em seu lugar executasse a sentença, posto o Santo em oração, morreu no Senhor.

São Verano, bispo, em Lyon, na França, cuja vida foi ilustre por sua fé e virtudes. (Assistiu ao concílio II de Mâcon no ano 585 e tomou grande parte nos sábios regulamentos que nele se publicaram. Foi outro dos bispos enviados a Paris para queixar-se ao rei Clotário II do assassinato do bispo São Pretextato. Childeberto II o respeitou tanto que quis que fosse padrinho de seu filho Teodorico, que herdou depois a coroa. Morreu gloriosamente pelos últimos anos do século VI.)

São Bartolomeu, abade, no mosteiro de Grottaferrata, no campo de Frascati, companheiro de São Nilo, cuja vida escreveu.

São Menas, solitário, no Abruzzo (ou país dos Samnitas, na Itália), cujas virtudes e milagres refere São Gregório, papa (em seu livro *Dialogorum*, liv. 3, cap. 26. Morreu no Senhor pelos anos de 579).

São Martinho, Bispo de Tours e Confessor

Foi São Martinho originário de Sabária, na Panônia. Sendo de idade de dez anos, contra a vontade de seus pais, que eram gentios, foi em busca do sacerdote dos Cristãos e alistou-se no catálogo dos catecúmenos. Seu pai, tribuno de uma legião, procurou desviá-lo do culto do verdadeiro Deus; mas nada podem os esforços dos homens quando o Senhor quer apoderar-se de um coração. Logo que cumpriu doze anos, pensou em retirar-se a um deserto, e deixou de fazê-lo precisamente pelas poucas forças de sua terna idade. Pouco tempo depois, em virtude de um decreto imperial, foi alistado numa companhia de cavalos como filho da tropa e de um oficial veterano. Aos quinze anos serviu no exército de Constâncio e depois no de Juliano o Apóstata. Ainda não havia recebido o Batismo e, não obstante, evitou todas as desordens que tão frequentemente acompanham a profissão das armas, levando uma vida de religioso em traje de soldado. A caridade com os pobres era sua virtude sobressalente. Entrando um dia de inverno muito rigoroso na cidade de Amiens, encontrou um pobre desnudo, tiritando e traspassado de frio: pediu-lhe esmola e, não tendo que dar-lhe, enterneceu-se estranhamente seu compassivo coração à vista daquela necessidade. Mas, como a caridade é fecunda em arbítrios e em recursos, sacou a espada, cortou a capa pelo meio e deu a metade ao traspassado mendigo. Seus camaradas começaram a zombar da liberalidade do catecúmeno; mas Martinho nunca se deixou ver mais de gala que com aquela meia capa, libré magnífica que publicava a todos sua caridade com Jesus Cristo; espetáculo verdadeiramente digno de ver-se, um simples catecúmeno revestido da caridade do Salvador até interessar-se nos trabalhos de seus membros à custa de sua própria pessoa. Mas quem perdeu jamais o que deu ao mesmo Jesus Cristo? Na noite seguinte apareceu o Salvador em sonhos a São Martinho, dizendo aos Anjos que o acompanhavam: «Martinho, sendo ainda catecúmeno, cobriu-me com este vestido.» Depois deste favor resolveu-se a deixar o serviço do rei da terra para tomar partido nas tropas do Rei do céu, e contraiu com Jesus Cristo o empenho de uma eterna fidelidade recebendo o santo Batismo. Feito isto, só pensou em retirar-se da milícia; e lhe pareceu boa ocasião a de um dia em que o apóstata Juliano repartia aos soldados uma paga extraordinária para empenhá-los mais em fazer seu dever numa irrupção de bárbaros. Martinho, em lugar de receber a paga, pediu sua licença; mas, notando-o de covarde, porque solicitava retirar-se quase na véspera de uma batalha, respondeu generosamente: «Assegure-se-me até o dia da função; ponha-se-me então diante das primeiras filas sem outras armas que o sinal da cruz, e então se verá se temo os inimigos nem a morte.» Teve-se a proposição por fanfarronada militar, e assegurou-se-o para fazer a experiência; mas aquela mesma noite pediram os bárbaros a paz e se retiraram. Deixou, pois, as armas para dedicar-se inteiramente ao serviço de Jesus Cristo; e, tendo ouvido falar da virtude de Santo Hilário, bispo de Poitiers, foi em busca sua para aprender na escola de tão grande mestre as máximas da vida interior. Fez tantos progressos na virtude que Santo Hilário o quis ordenar de diácono; mas ele se contentou com o grau de exorcista, sendo tudo o que por então se pôde conseguir de sua humildade. Deu-lhe o Senhor a entender ser vontade sua que fizesse uma viagem a sua terra para converter seus pais, que ainda eram idólatras. Ao passar os Alpes caiu em mãos de ladrões: um deles levantou o braço para fender-lhe a cabeça; mas outro companheiro o deteve;

maniataram-no e encarregaram sua custódia a um da quadrilha; este lhe perguntou quem era, e Martinho lhe respondeu: «Eu sou cristão.» Replicou-lhe o ladrão: «Tens medo?» «Nunca tive menos», repôs o Santo, «porque Deus assiste nos perigos.» Ficou aquele homem tão pasmado à vista daquela constância e heroica magnanimidade que não só deixou a profissão de ladrão para viver cristamente, mas se fez religioso para dedicar-se inteiramente a Deus, e de sua mesma boca se soube depois este sucesso. Chegou à Hungria, converteu sua mãe e muitas outras pessoas; mas não pôde reduzir seu pai, e o desventurado velho morreu em sua cegueira e obstinação. Ali defendeu a fé católica contra os Arianos, que ao cabo o lançaram do país depois de tê-lo açoitado publicamente. Dirigiu-se a Milão e encerrou-se num mosteiro; mas a facção dos Arianos também o lançou dele. Retirou-se a uma ilha do mar Tirreno, onde por muito tempo se sustentou com as ervas do campo. Numa ocasião comeu acônito sem conhecê-lo; mas, sentindo o efeito do veneno que lhe despedaçava as entranhas, fez oração e ficou livre. Voltou às Gálias em busca de Santo Hilário; edificou um mosteiro junto a Poitiers e, vivendo nele santissimamente em companhia de alguns monges, ressuscitou um catecúmeno que havia morrido sem receber o Batismo e viveu depois muitos anos. Pouco tempo depois ressuscitou outro criado de Lupiciano, senhor principal, que se havia enforcado, suspendendo Deus seu juízo pelas orações de nosso Santo e fazendo um daqueles extraordinários prodígios de sua misericórdia que nos devem servir de exemplo a todos os pecadores.

Tendo vagado o bispado de Tours por morte de seu bispo, puseram os olhos em São Martinho para que ocupasse aquela sé; mas, como se sabia muito bem sua repugnância a tudo o que soava a dignidade, tiraram-no do mosteiro com pretexto de que fosse visitar um enfermo, e os deputados de Tours apoderaram-se dele à força, apesar de todas as suas representações. Colocou-o no emprego episcopal a vocação legítima de Deus, e correspondeu com a santidade da vida à excelência do ministério, sabendo unir com todas as virtudes episcopais as que eram próprias da profissão de monge. Edificou um mosteiro perto de Tours, que hoje se chama Marmoutier, aonde se retirava quando lho permitiam os cuidados da dignidade. Comia-o o zelo da casa de Deus: à imitação do de Elias, não parou até consumir todos os ídolos do gentilismo. Não é fácil referir todos os triunfos que conseguiu dos gentios. Querendo lançar por terra uma azinheira que os pagãos tinham consagrada ao demônio, opuseram-se a seu zelo os infiéis; e o mais atrevido de todos lhe disse que eles mesmos a cortariam e dariam por pé, contanto que ao tempo de cair a recebesse ele sobre suas costelas. Aceitou o Santo o partido, cheio de uma viva confiança em Deus, cuja causa defendia: ataram-no os gentios pelo lado onde havia de cair o robusto e enorme tronco. Tremiam seus monges à vista do perigo a que se expunha, e se gloriavam os infiéis, parecendo-lhes que já estavam vendo a inevitável ruína do inimigo de seus deuses. Cortou-se enfim a árvore e, quando vinha a desgalhar-se com o estrondo que se deixa discorrer, levantou o servo de Deus a mão, fez o sinal da cruz, e o vegetal colosso, torcendo no ar a direção, foi cair ao lado oposto. À vista desta maravilha não ficou nem um só gentio em todo aquele contorno. Sarou um leproso dando-lhe um ósculo de paz. Saía dele com tanta abundância a graça dos milagres que até os pedaços de sua vestimenta, as cartas que escrevia e a palha em que repousava obravam milagrosas curas. Foi em busca do imperador Valentiniano para implorar sua proteção contra os Arianos: a imperatriz Justina, que professava a mesma seita, dispôs que se lhe negasse a entrada no palácio; mas Martinho entrou até o mesmo quarto do Imperador, passando pelo meio dos guardas sem que nenhum o advertisse. Enfadado o Imperador, voltou o rosto a outro lado sem corresponder a sua saudação; mas no mesmo ponto viu-se de repente cercado de fogo na cadeira

em que estava sentado; e, assombrado do prodígio, levantou-se aceleradamente, correu a abraçar o santo Bispo e o tratou com tanto respeito quanto desprezo lhe havia manifestado. Máximo, usurpador do império, também o tratou sempre com afabilidade. Convidou-o a sua mesa, fê-lo sentar junto a si e, quando lhe apresentaram o copo para beber, mandou que o alargassem primeiro ao santo Bispo, não duvidando que depois que ele tivesse bebido o alargaria imediatamente ao Imperador; mas Martinho, depois que bebeu ele, apresentou-o ao diácono que o acompanhava, parecendo-lhe que não havia na mesa sujeito de maior dignidade que o seu. Admirou o Imperador esta religiosa ação, e por muito tempo não se falou na corte de outra coisa que da nobre liberdade do servo de Deus. Também a Imperatriz quis dar-lhe uma comida temperada por suas próprias mãos e servi-lo ela mesma à mesa. Espetáculo verdadeiramente assombroso ver um bispo pobre, estrangeiro e mal vestido servido por uma grande Imperatriz. Oh, quão poderosa é a santidade!

Severo Sulpício, falando deste grande Santo, diz que não conheceu outro que com mais prontidão, precisão e clareza respondesse aos lugares mais dificultosos da sagrada Escritura; pois, ainda que a sabedoria era a menor de todas as prendas que adornavam o servo de Deus, como não havia de ter um entendimento muito iluminado o que continuamente estava bebendo os raios do Sol de justiça, sempre em oração, sempre em presença de Deus, velando dia e noite às portas da divina sabedoria e não concedendo à natureza senão o preciso para que não se cresse que era já bem-aventurado? Era homem por uma parte de suprema retidão e por outra de incomparável bondade. A ninguém julgava, a ninguém condenava, nunca voltava mal por mal e sofria os atrevimentos do menor clérigo de seu bispado como se não fosse superior, cabeça e príncipe de todos eles. Nunca o viram colérico, nunca triste, nunca entregue a uma vã ou imoderada alegria, mas sempre igual; e, como seu coração era o domicílio da paz e da caridade, tampouco se abria sua boca senão para pronunciar palavras de edificação. Parecia um homem superior à natureza de todos os demais por sua elevada virtude. Honrou Deus sua eminente santidade com o dom dos milagres, os quais lhe eram tão familiares que parecia espécie de milagre o deixar de fazê-los, pelo que foi o taumaturgo de seu século. A tão milagrosa vida correspondeu uma morte tão ditosa que nela admiraremos outro prodígio de caridade. Havia tempo que sabia por revelação a hora de sua morte e tinha prevenido disso a seus discípulos. Noticioso de que na igreja de Candes, pertencente a seu bispado, havia alguma dissensão, este Anjo de paz passou a apaziguá-la. Logrou o intento e, sentindo que lhe iam faltando as forças, conheceu que aquela debilidade era prenúncio de sua morte. Deitou-se na cama, ficando de costas com os olhos cravados no céu para não perder de vista o lugar onde tinha fixo seu amor. Nesta postura pedia a Deus que se dignasse desatá-lo das cadeias do corpo para ir gozar no empíreo da liberdade que gozam os filhos de Deus. Era o pobre leito um verdadeiro cilício coberto de cinza; rodeavam-no seus discípulos desfeitos todos em lágrimas e lhe suplicaram que lhes permitisse pôr-lhe debaixo algumas humildes palhas; mas o Santo não o consentiu, dizendo: «Filhos meus, um cristão deve morrer sobre a cinza; pecaria eu se vos desse outro exemplo.» Replicaram-lhe os discípulos: «Tu és nosso pai, não nos desampares, porque virão os lobos carniceiros, lançar-se-ão sobre o rebanho, e quem o defenderá quando já não tenha pastor?» Enterneceu-se o Santo; e, sentindo em seu coração dois afetos contrários, à imitação do Apóstolo, um de ir unir-se com seu soberano Bem e outro de ficar na terra para maior bem de sua Igreja, nesta situação fez a Deus a oração seguinte: «Senhor, se todavia sou necessário a teu povo, não recuso o trabalho: faça-se tua vontade.» Oh varão superior a todos os

elogios!, exclama a Igreja à vista deste passo; pois nem temeste a morte nem recusaste a vida. Admirável disposição de caridade, expor a própria salvação por assegurar a de seu rebanho! O demônio teve atrevimento para aparecer-se ao Santo naquela hora; mas tudo o que tirou foi ouvir de sua boca esta repreensão: «Que fazes aí, besta sangrenta? Vai-te, infeliz, pois não encontrarás em mim coisa que seja tua.» Tinha continuamente as mãos e os olhos levantados ao céu: disseram-lhe que seria bem que se voltasse de algum lado para que o corpo tivesse algum descanso, ao que deu esta admirável resposta, claro testemunho de quão embebida estava em seu Deus aquela grande alma: «Deixai-me, irmãos meus, deixai-me olhar ao céu, para que minha alma, que vai ver a Deus, tome de antemão o caminho que conduz a ele.» Um instante depois expirou; e, desprendendo-se sobre seu corpo um raio de glória celestial, seu santo rosto se cobriu de um resplendor mais brilhante que o que forma a mesma luz, de maneira que pareciam ter-se antecipado a seu cadáver os dotes do corpo ressuscitado e glorioso. No mesmo instante foi revelada sua morte a Santo Severino, bispo de Colônia, e a Santo Ambrósio, bispo de Milão. Foi o santo corpo transportado a Tours com tão magnífico acompanhamento que igualou à maior pompa fúnebre dos grandes da terra e ainda à do triunfo mais augusto dos conquistadores do mundo. Acharam-se nele mais de dois mil religiosos, que todos se podiam considerar como discípulos seus. Conservou-se o santo corpo em Tours mais de quatrocentos anos, até que os normandos iam pôr sítio à cidade, de onde o retiraram antes que aqueles chegassem; mas vinte e um anos depois foi restituído a ela com grande pompa, continuando a ser extraordinariamente honrado e reverenciado de todos até o século XVI, em que os huguenotes se apoderaram de Tours e queimaram o santo corpo sem poder-se salvar mais que o osso do braço e uma parte do crânio.

São Menas, Soldado e Mártir

Foi São Menas egípcio de nação, soldado e ilustríssimo Mártir: o qual, achando-se de guarnição numa cidade da província da Frígia ou Ásia Menor chamada Cotieu, e hoje, ao que dizem, Kütahya, entendendo que se publicava um edito dos imperadores Diocleciano e Maximiano, muito rigoroso contra os Cristãos, deixando o cinto e dignidade militar e o serviço dos Imperadores, retirou-se a um deserto onde esteve cinco anos fazendo vida solitária e de grande aspereza, como ensaiando-se com jejuns, orações e penitências para entrar na batalha que esperava e dar seu sangue pelo Senhor. Passados os cinco anos, inspirado por Deus, voltou à cidade num dia em que se celebravam festas, e todo o povo estava junto no teatro para ver certos exercícios militares, como justas ou torneios.

Entrou Menas no meio deste espetáculo com vestido roto e vil, e como um homem desprezado, e com voz alta e rosto alegre e grave, começou a dizer aquelas palavras de Isaías: *Fui achado dos que não me buscavam e manifestado aos que não perguntavam por mim*; para dar a entender que não vinha forçado, mas de grado, e por sua vontade se oferecia ao martírio. Todos os circunstantes puseram logo os olhos em Menas, maravilhados de seu traje, ousadia e liberdade. Lançaram mão dele; levaram-no a Pirro, presidente e, confessando que antes havia sido soldado dos Imperadores e que era cristão, mandou levá-lo ao cárcere e (por não interromper as festas que se faziam) que no dia seguinte o apresentassem diante de seu tribunal. Procurou o juiz com brandura e palavras lisonjeiras, oferecimentos e promessas tentar o peito do santo Mártir e atraí-lo a que, negando a

Jesus Cristo, adorasse seus falsos deuses; e, como não lhe aproveitassem todas as suas artes e manhas, e o santo Mártir lhe respondesse com grande brio e liberdade, converteu toda aquela falsa brandura em crueldade e mandou estendê-lo no chão e açoitá-lo com nervos crus, até que obedecesse aos mandatos dos Imperadores. Feriram-no muito cruamente, e saíam de suas feridas rios de sangue que regavam o lugar em que o atormentavam. Levantaram-no no cavalete; rasgaram suas carnes com unhas de ferro; queimaram seus lados com tochas acesas; esfregaram suas chagas com um cilício áspero; arrastaram seu corpo pelo chão semeado de abrolhos; quebrantaram-no de novo com varas e com plomadas; deram-lhe grandes murros e golpes em seu rosto; e o valoroso cavaleiro de Cristo estava com um coração esforçado e quieto, com um semblante sereno, com uma boca cheia de riso (como se não fosse ele, mas outro o que padecia), zombando de seus tormentos e pedindo aos ímpios ministros que lhos aumentassem, porque dizia que era pouco tudo o que havia sofrido e tudo o que podia sofrer para o que Deus merece e ele desejava sofrer por ele; de maneira que o juiz e seus ministros e os mesmos atormentadores estavam atônitos de ver tão extremada constância e tanta alegria em tão graves penas. Alguns antigos amigos seus quiseram persuadi-lo que deixasse aquela que eles chamavam obstinação e loucura e que não perdesse a vida, que é tão desejável, nem as comodidades, honras e regalos que podia ter; e ele, como se fossem assobios de uma venenosa serpente, assim tapou seus ouvidos às palavras que lhe diziam, tendo por inimigos capitais a todos os que com a esperança desta vida frágil e transitória pretendiam apartá-lo da perdurável e eterna. Finalmente o Presidente, vista a constância do soldado do Senhor, pronunciou sentença de morte contra ele, mandando que fosse degolado e queimado. Levaram-no a um lugar chamado Potamia: concorreu muita gente àquele espetáculo, e ele, com seu vestido pobre, como pessoa que tinha em pouco a vida daqui, levantando os olhos ao céu e posto seu coração em Deus, fez oração e suplicou ao Senhor com grande afeto que naquela hora o favorecesse e lhe desse vitória por Jesus Cristo, seu Filho, para que, livre das misérias desta vida, o pudesse ver e adorar e gozar para sempre de sua gloriosa presença. Acabada esta oração, foi degolado, e seu sagrado corpo lançado ao fogo para ser queimado; mas quis o Senhor que alguns homens piedosos se dessem tão boa manha e diligência que puderam recolher do fogo algumas de suas preciosas relíquias e envolvê-las em lenços limpos e aromáticos e levá-las a sua pátria e colocá-las honorificamente, como sendo Santo antes que morresse lhes havia mandado. Foi o martírio de São Menas aos 11 de novembro, pelos anos de Cristo de 296, imperando os já nomeados Diocleciano e Maximiano. Fez Deus muitos e muito grandes milagres depois de sua morte por este glorioso Mártir, os quais referem diferentes autores. De São Menas escrevem todos os Martirológios, e os gregos em seu Menológio, porque este santo Mártir foi muito ilustre e muito celebrado no Oriente. Mas advirta-se que há outro Menas, mártir, que padeceu imperando Maximiano, com seus companheiros, cuja festa se celebra a 10 de dezembro. Alguns autores os confundem e de dois Menas fazem um.

A vila de Senmenat, diocese de Barcelona, no principado da Catalunha, venera por seu padroeiro titular a São Menas e possui relíquias suas, cuja trasladação celebra anualmente como festa principal no terceiro domingo de abril.

Santo Toribio de Liébana, Confessor

A semelhança do nome deste insigne confessor de Jesus Cristo com Santo Toribio, bispo que foi de Astorga, e a naturalidade de ambos na cidade de Palência, deu motivo, sem a menor dúvida, a vários escritores para confundi-los; mas, se se atende às datas em que floresceram, desvanece-se o equívoco. É bem sabido que Santo Toribio, bispo de Astorga, vivia perto da metade do século V, no tempo do papa Leão o Grande, como o comprovam suas atas contra os priscilianistas; e, sendo constante que floresceu o nosso Toribio mais de setenta anos depois, segundo se acredita pela célebre carta que lhe dirigiu Montano, arcebispo de Toledo, da qual faz menção Santo Ildefonso, distinguindo este ilustre herói daquele, convence-se claramente que foram distintos os dois Toribios, dignos ambos de eterna memória por suas heroicas virtudes e por seus louváveis empreendimentos.

Suposta esta distinção, é de saber que Santo Toribio, de quem se trata, foi natural da cidade de Palência; e, educado desde o berço na religião católica, seguiu fielmente todas as suas piedosas máximas e arrumou seus costumes com o espírito da lei santa de Deus. Não nos constam os fatos de sua infância, porque a injúria do tempo roubou à posteridade estas notícias; mas pela grande reputação que já tinha em meados do século VI infere-se a santidade em que passou os primeiros anos de sua vida. Havia-o Deus dotado de uns talentos extraordinários e, fazendo deles uso em benefício da Igreja, trabalhou infatigavelmente para sepultar as relíquias do paganismo e da heresia de Prisciliano que haviam ficado no território de Palência, depois que Santo Toribio, bispo de Astorga, empregou todo o seu zelo e toda a sua autoridade em destruir este monstro fatal que causou tanto estrago na Espanha. Soube Montano, arcebispo de Toledo, as louváveis ocupações do Santo e, querendo dar-lhe uma prova nada equívoca do alto conceito e da grande estima que lhe professava, escreveu-lhe uma carta cheia de honra, a qual nos dá ideia da pureza da fé, da justificação da conduta e do zelo verdadeiramente apostólico de Toribio; pela qual também se infere que tinha em Palência grande autoridade, bem fosse secular ou eclesiástica. «Temos conhecido», diz-lhe Montano na carta, «e sabido por experiência, que sois um grande defensor da fé católica e amigo da santa Religião, pois, quando ainda florescíeis no século, resplandecia de tal maneira vossa vida que, obrando conforme ao dito do Senhor, dáveis a César o que era de César e a Deus o que era de Deus; e assim com muita razão vos chamarei o propugnador do culto divino com especialidade nesta província. Porventura sabeis o grande prêmio que vos reserva Deus, posto que por vossa indústria e vigilância se desterrou o erro da idolatria e se dissipou a detestável e vergonhosa seita dos priscilianistas? Que poderei dizer da fé dos senhores temporais com os quais trabalhastes tanto que reduzistes docemente os feros ânimos dos naturais à saudável regra e à acertada norma da disciplina regular? A divina clemência vos privilegiou para que aperfeiçoásseis com preces e contrações o que empreendestes com sumo trabalho. Eu sempre tenho procurado indicar a vossa celsitude as notícias que têm chegado a nós do congresso palatino, para que daqui em diante se aquiete mais facilmente a nefanda presunção por vossa correção. Nesta inteligência sabei que nos disseram que certos presbíteros se têm atrevido com arrojo temerário não só a consagrar, mas a violar as coisas sagradas, quando não podem duvidar

de que o direito da consagração do crisma é tão somente devido aos Pontífices ou Bispos, inusitado desde o princípio da fé católica pelos ministros de sua ordem. Creio que esta demência não se oculta a vossa piedosíssima consciência e, por isso mesmo, espero que, usando da autoridade de severíssimo sacerdote, corrijais esta temeridade com rigorosa repreensão; mas, se depois da monição presumirem reiterar a maldade, seja condenada sua contumácia com a sentença conveniente.»

Cumpriu Toribio com a maior exatidão as prevenções do arcebispo Montano; mas, fatigado dos cuidados populares, determinou retirar-se do mundo para atender unicamente ao importante negócio de sua eterna salvação. Pôs os olhos nas ásperas montanhas de Liébana, tão elevadas que parece que chegam à região superior, especialmente as que chamam de Europa, que dão vista ao mar de São Vicente da Barqueira, e, unido com o bispo Tolobeu, Sinobi, diácono, Eusébio, Eusóstomo e Jofazo, abraçaram a regra de São Bento no mosteiro desta Ordem que está nas mesmas serras a uma légua da vila de Potes, ou bem fundado por Toribio e seus ilustres companheiros, segundo nos dizem alguns escritores, ou bem erigido antes por alguns monges que o patriarca São Bento enviou à Espanha, como opinam outros. Viveu o Santo algum tempo naquela ilustre casa, sendo o objeto da admiração de todo o claustro pela justificação de sua conduta; mas, como Deus o chamava a vida mais austera, subiu ao mais encumbrado daqueles montes e, na parte mais oculta deles, construiu uma pequena ermida onde se entregou aos excessos de seu fervor e a uma penitência sem limites, passando em oração a maior parte do dia e da noite; bem que o Senhor adoçava maravilhosamente os rigores de seu fidelíssimo servo com favores requintados, entre os quais foram muito memoráveis as frequentes visitas dos espíritos celestiais, por cuja razão se chama hoje dos Anjos a ermida que construiu no sítio onde lhe apareciam.

Quis Deus premiar os grandes merecimentos de seu fidelíssimo servo e, consumido ao rigor de sua penitente vida, passou a gozar da visão beatífica no dia 11 de novembro pelos anos 563, segundo o cômputo mais arrumado à época em que floresceu. Os monges depositaram o venerável cadáver no mesmo mosteiro, ao qual se trouxeram no tempo do rei D. Afonso, o Católico, várias relíquias de Santos, e entre elas o corpo de Santo Toribio, bispo de Astorga, por cujo motivo se chamou aquela ilustre casa de Santo Toribio, tendo perdido a advocação de São Martinho de Tours que teve em sua primeira fundação, segundo escreve Prudêncio de Sandoval.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Martinho, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui conspicis quia ex nulla nostra virtute subsistimus: concede propitius, ut intercessione beati Martini, confessoris tui atque pontificis, contra omnia adversa muniamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que conheceis muito bem a debilidade de nossas forças e que de nenhum modo podemos subsistir por elas, concedei-nos benigno que sejamos fortificados pela intercessão de vosso confessor e pontífice São Martinho contra todos os males que nos cercam. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 4).

Eclesiástico 44,16-27; 45,3-20

> **Latim:** 16 Enoch placuit Deo, et translatus est in paradisum, ut det gentibus pœnitentiam. 17 Noë inventus est perfectus, justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. 18 Ideo dimissum est reliquum terræ, cum factum est diluvium. 19 Testamenta sæculi posita sunt apud illum, ne deleri possit diluvio omnis caro. 20 Abraham magnus pater multitudinis gentium, et non est inventus similis illi in gloria : qui conservavit legem Excelsi, et fuit in testamento cum illo. 21 In carne ejus stare fecit testamentum, et in tentatione inventus est fidelis. 22 Ideo jurejurando dedit illi gloriam in gente sua, crescere illum quasi terræ cumulum, 23 et ut stellas exaltare semen ejus, et hæreditare illos a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos terræ. 24 Et in Isaac eodem modo fecit, propter Abraham patrem ejus. 25 Benedictionem omnium gentium dedit illi Dominus, et testamentum confirmavit super caput Jacob. 26 Agnovit eum in benedictionibus suis, et dedit illi hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim. 27 Et conservavit illi homines misericordiæ, invenientes gratiam in oculis omnis carnis. 3 Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. 4 In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. 5 Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. 6 Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël. 7 Excelsum fecit Aaron fratrem ejus, et similem sibi, de tribu Levi. 8 Statuit ei testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria : 9 et circumcinxit eum zona gloriæ, et induit eum stolam gloriæ, et coronavit eum in vasis virtutis. 10 Circumpedes, et femoralia, et humerale posuit ei : et cinxit illum tintinnabulis aureis plurimis in gyro : 11 dare sonitum in incessu suo, auditum facere sonitum in templo in memoriam filiis gentis suæ. 12 Stolam sanctam auro, et hyacintho, et purpura, opus textile viri sapientis, judicio et veritate prædiți : 13 torto cocco opus artificis gemmis pretiosis figuratis in ligatura auri, et opere lapidarii sculptis, in memoriam secundum numerum tribuum Israël. 14 Corona aurea super mitram ejus expressa signo sanctitatis, et gloria honoris : opus virtutis, et desideria oculorum ornata. 15 Sic pulchra ante ipsum non fuerunt

> talia usque ad originem. [16] Non est indutus illa alienigena aliquis, sed tantum filii ipsius soli, et nepotes ejus per omne tempus. [17] Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie. [18] Complevit Moyses manus ejus, et unxit illum oleo sancto. [19] Factum est illi in testamentum æternum, et semini ejus, sicut dies cæli, fungi sacerdotio, et habere laudem, et glorificare populum suum in nomine ejus. [20] Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum, et bonum odorem, in memoriam placare pro populo suo :

Português: [16] Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência. [17] Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da ira veio a ser a reconciliação dos homens. [18] Por isso foram deixadas umas relíquias déles sobre a terra, quando veio o dilúvio. [19] Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne. [20] O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. [21] Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel. [22] Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra, [23] e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. [24] E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai. [25] O Senhor lhe deu a bênção de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó. [26] Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos. [27] E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel. [7] Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a êle da tribo de Levi: [8] Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória, [9] e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade. [10] Pôs-lhe a vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro. [11] A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente. [12] A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: [13] De fio de escarlate torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. [14] Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adorno que levava após si os olhos de todos. [15] Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo. [16] Dela se não vestiu pessoa alguma de outra família, mas só únicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. [17] Os seus sacrifícios foram todos os dias consumidos pelo fogo. [18] Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. [19] Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome. [20] Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrifício, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

Reflexões

Este é o grande sacerdote que agradou a Deus durante os dias de sua vida. Este elogio se devera fazer de todos os sacerdotes da nova lei, sem exceptuar nem um só. Que ministério mais sagrado que o dos sacerdotes? Que estado mais santo que o seu? Que inocência, que pureza de costumes, que virtude, que santidade deve resplandecer nesses respeitáveis ministros da Igreja! Nenhum tempo há em que não deva parecer justo aos olhos de Deus; pois até em tempo de sua cólera deve ser o mediador entre Deus e os homens para aplacar sua justiça. Com quanta fidelidade, com quanta exatidão deve observar a lei do Altíssimo e com quanta dignidade deve exercer as funções de seu ministério! Nenhuma coisa contribui tanto para a reforma dos costumes do povo como a vida exemplar dos ministros do altar; mas quem poderá ponderar o que desacredita a Religião a vida menos ajustada de um sacerdote? Enquanto o povo viu Jesus Cristo estimado dos doutores; enquanto viu que um dos chefes da sinagoga se lançava a seus pés e lhe rogava que se dignasse entrar em sua casa para curar uma filha sua; enquanto notou que aquele Homem-Deus era respeitado e temido no templo pelos mesmos que não o amavam, o povo o olhou com veneração, seguiu-o com ânsia e o reconheceu por seu Rei e pelo verdadeiro Messias. Mas, quando o mesmo povo viu o divino Salvador em poder dos sacerdotes, tratado com tanta indignidade, carregado de opróbrios, escarnecido como rei de burlas e que dobravam diante dele o joelho por irrisão, quanto tempo conservou aquele povo a estima, o amor e o respeito que lhe professava até ali? Num instante converteu-se em desprezo e em horror a veneração com que antes o olhavam. Não podiam imaginar que fosse o Messias um homem a quem os sacerdotes tratavam tão indignamente. Desde o mesmo ponto o tiveram por um solene embusteiro: esqueceram-se inteiramente seus benefícios, sua doutrina e seus milagres. A incredulidade dos que estavam admitidos por depositários da fé e da Religião comunicou-se imediatamente ao entendimento e ao coração de todo o povo; e o Salvador do mundo, que até então havia sido o objeto de sua admiração, de sua veneração e de seu culto, passou a sê-lo de suas burlas, de seus escárnios e, enfim, seu brinquedo e seu desprezo. Bom Deus, quanta impressão faz nos assistentes a exemplar devoção de um sacerdote no altar! Que maravilhas obra esta sua devoção que a fé faz sensível e palpável! Sempre se respeita aquilo que se vê fazer com majestade. Uma missa celebrada com a religiosa decência que se deve equivale a uma prova de nossa verdadeira Religião. Aquele santo terror de que se vê penetrado o ministro inspira no povo um respeitoso temor. Aquela devoção que infunde a presença de Jesus Cristo se estende aos que o estão adorando. Nem como é possível deixar de assistir com uma profunda veneração ao sacrifício do Deus vivo, quando o mesmo sacrificante não desmente a santidade da pessoa que representa? Mas, quando o sacerdote não leva ao altar outra coisa santa e venerável senão as vestiduras sacerdotais; quando se deixa ver nele sem aquela majestosa modéstia e sem aquela religiosa majestade que pede indispensavelmente a celebração de nossos sagrados mistérios; quando sua palpável indevoção acredita tão visivelmente sua pouca fé e que, se se há de julgar pelo que se vê, parece que vai fazer irrisão do sacrifício mais santo, do mais tremendo de todos os sacrifícios, que efeito pode produzir esta escandalosa indevoção nos entendimentos e nos corações dos que assistem a ele?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,33-36

> **Latim:** 33 Nemo lucernam accendit, et in abscondito ponit, neque sub modio : sed supra candelabrum, ut qui ingrediuntur, lumen videant. 34 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit : si autem nequam fuerit, etiam corpus tuum tenebrosum erit. 35 Vide ergo ne lumen quod in te est, tenebræ sint. 36 Si ergo corpus tuum totum lucidum fuerit, non habens aliquam partem tenebrarum, erit lucidum totum, et sicut lucerna fulgoris illuminabit te.

Português: 33 Ninguem accende huma candéia, e a põe em hum lugar escondido, nem debaixo de hum alqueire: mas sobre hum candieiro, para que os que entrão vejão a luz. 34 O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será lucido: se porém for mão, tambem o teu corpo será tenebroso. 35 Olha pois bem que a luz, que he em ti, não sejão trévas. 36 Se pois o teu corpo for todo lucido, sem ter parte alguma tenebrosa, todo elle será luminoso, e allumiari-te-ha, como huma luzerna de brillante luz.

Meditação

Da falsa consciência

Primeiro ponto

Considera que a consciência é aquela perspicaz vista da alma que descobre tudo o mais secreto que se passa, tanto no entendimento como no coração do homem. Sem perder de vista a lei do Senhor, o mesmo Deus é o que acende aquela interior tocha, não só para alumiar-nos mas para fazer-nos patentes a nossos mesmos olhos tudo o que verdadeiramente se acha em nossas obras e em nossos afetos, seja louvável, seja defeituoso ou seja repreensível: *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine.* Esta tocha é ao mesmo tempo uma voz, uma como sentinela que nos adverte, que nos grita logo que o inimigo da salvação intenta alguma surpresa contra a alma. Não há sentinela mais fiel enquanto tem a vista sã, enquanto as trevas ou as nuvens não ofuscam este farol. Mas, se o maligno fumo de um fogo inimigo, se as paixões alteram a serenidade, se aquela vista padece alguma doença, logo se escurece, e a alma se sente como afogada em trevas. A perturbação e o tumulto das paixões faz que não se perceba a voz nem os gritos da consciência. Já

é a voz do amor-próprio a que grita; já é o farol das paixões o que alumia; e, quando nos guia esta maligna luz, em que se virá a parar? Chora-se alguma vez o infeliz estado de um pecador entregue a suas loucas paixões, feito escravo do pecado pelos maus costumes que o tiranizam. Lamenta-se sua miséria; teme-se por sua salvação; mas quanto mais deplorável é o estado de uma alma enganada pelo erro! Aquele pecador sabe ao menos que vai descaminhado; cada instante se lhe representa a viva imagem de sua desordem; peca com maior conhecimento e por isso mesmo é menos incorrigível. Por outra parte, os desgostos que o vício traz consigo, a formosura da virtude, os remorsos da consciência, o temor dos juízos de Deus são outros tantos gritos que continuamente o estão chamando a seu dever; mas não é assim o pecador que erra o caminho e não o conhece. Tem fechados todos os recursos. Como peca sem conhecer o funesto estado em que se acha, peca sem escrúpulo e sem remorso. Aquele verme roedor que despedaça o coração de um homem licencioso parece que está profundamente dormindo no seu; e a mesma consciência, que é tão saudável quando interiormente nos está acriminando o mau, ou já porque está enganada, ou já porque ela se quer enganar, o deixa numa profunda calma, sem que nada o altere nem perturbe. Que esperança, bom Deus, nem de conversão nem de arrependimento! Pode imaginar-se estado mais pernicioso nem mais funesto? Daqui nasce aquela desditosa segurança em que se morre e se perece.

Segundo ponto

Considera que entre todos os sinais de reprovação nenhum é mais certo que o da falsa consciência, pois desvia do caminho do céu sem que se advirta que alguém vai descaminhado. Ah, e quantos há no mundo que se acham em tanta desdita! Quantos religiosos imperfeitos e tíbios vivem em tão infeliz estado! Contanto que se guardem hoje em dia certas aparências de virtude, um certo exterior de religião, uns certos modos de honestidade e de compostura, cada qual se forja seu sistema de consciência e à sombra dele vive tranquilo em ponto a sua salvação. Mas ignoramos porventura que também os hereges formam seu sistema e que em certas cerimônias de religião são mais observantes que nós? Contudo, cremos que se perdem com todo o seu aparato de honestidade, com todas as suas imaginárias prendas de homens regrados, e temos muita razão para crê-lo. Pois em que revelação, em que novo Evangelho fundamos nós a segurança que pretendemos ter de nossa salvação? Dir-se-á acaso que nós temos a ventura de professar a Religião verdadeira e eles não; mas, se não temos o gosto de enganar-nos, qual será pior em matéria de salvação: ou não crer quase nada do que se faz, ou não fazer quase nada do que se crê? A favor de um falso sistema de consciência vive-se tranquilamente cometendo mil grosseiras imperfeições e continuando em mil desordens habituais: estado tanto mais digno de temer-se quanto os remorsos se têm por escrúpulos ou por tentações, e os conselhos saudáveis por erros, contra os quais se está sempre alerta para desprezá-los. O mal é perigoso, e o enfermo que não conhece seu mal aborrece os remédios e nem sequer pensa que os haja mister. Que esperança de cura pode haver quando está tão achacoso o entendimento como o coração? Não há coisa mais perniciosa para a salvação que as ilusões em ponto de moral e de doutrina. Leia-se o que se ler, ouça-se o que se ouvir e fale Deus ao fundo do coração o que falar por sua graça, tudo o interpreta em favor do erro a falsa consciência. Quantas pessoas vivem em pecado sem o menor remorso! Quantas passam a vida em desgraça de Deus sem medo de seus juízos! Tudo é efeito da falsa consciência. Quantos homens, inimigos da verdade, rebeldes à Igreja, vivem obstinados em seus

erros, tendo muita lástima dos Católicos! Todos são frutos que a falsa consciência produz na alma a quem cega a ilusão, em quem domina o orgulho, a quem tiraniza a paixão, porque chegou a enganá-la o demônio.

Não permitais, Senhor, que a mim me suceda esta desdita. Castigai meus pecados de outra maneira: qualquer outro castigo me será proveitoso, e aumentai em mim o horror que tenho a esta cegueira.

Jaculatórias

Bem-aventurados são, Senhor, os que se aplicam a conhecer vossa lei e só aspiram a agradar-vos de todo o seu coração. (Sl 118.)

Não, divino Mestre meu, não cairei em nenhum erro enquanto atender sinceramente a guardar teus mandamentos. (Ibid.)

Propósitos

1. A consciência, diz Santo Tomás, é aquela aplicação da Lei de Deus que cada um se faz a si mesmo. Ora, cada um se aplica esta lei segundo seus fins, segundo seus alcances, segundo seu modo de conceber e, o que costuma ser mais comum, segundo a inclinação, os secretos afetos e a atual disposição de seu coração. Isto é o que faz a falsa consciência. Daqui nasce aquela segurança, aquela orgulhosa fereza com que o herege defende obstinadamente seus erros; daqui aquela furiosa dureza de juízo, aquela obstinação no cisma das gentes de partido; daqui, enfim, aquela funesta segurança com que vivem e morrem tantos seculares, tantos religiosos e eclesiásticos tíbios, indevotos, muito imortificados, pouco observantes; tantas gentes enganadas pelo amor-próprio e tiranizadas pelas paixões. Evita esta desgraça; desconfia de teus alcances e de teu parecer; busca um santo e sábio confessor, cujos conselhos hás de seguir escrupulosamente; sobretudo, olha com um santo horror tudo o que soe a partido, a capricho, a novidade. Sê humilde, sê mortificado, sê caritativo e devoto. Tudo o que vulnera a caridade, tudo o que nasce da inveja, dos ciúmes, tudo o que denigre a fama alheia, tudo é inimigo de Jesus Cristo e só pode ser autorizado pelos erros da falsa consciência. Não tenhas outra regra para teu governo que a Lei de Deus, as máximas do Evangelho e o exemplo dos Santos. Nunca conservarás a pureza da fé senão no perfeito rendimento às decisões da Igreja. Sempre é a falsa consciência a que nos desvia deste caminho tão direito como seguro.

2. *Trabalha em tua salvação*, diz o Apóstolo, *com temor e tremor.* Este doce e saudável temor olha principalmente à falsa consciência. É fácil enganar-se nela, e um dos meios mais eficazes para evitar estes laços é a frequência de Sacramentos, juntamente com a terna devoção à santíssima Virgem. Tudo aquilo que te desvia destes auxílios, tem-no por pernicioso. Lê todos os dias em algum livro espiritual; mas cuidado com a escolha. Muitos livros, sob um título piedoso, encerram um pestífero veneno; foge cuidadosamente deles. As vidas dos Santos sempre são instrutivas e

gostosas; lê-as e faze que todos os dias se leiam diante da família. Nenhuma coisa hás de temer tanto como os erros de uma falsa consciência.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:36 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:37 by Admin